

O Estado de S. Paulo

17/6/ 1992

Cresce a produtividade no corte manual

A técnica de colheita manual também está se aperfeiçoando. Um homem corta em média cinco toneladas de cana por dia, conforme estimativa da Secretaria de Agricultura paulista. Mas há usinas que obtêm médias de até 8,9 toneladas. Esse é o caso da Santa Adelaide, no município de Dois Córregos, a pioneira no trabalho de profissionalização do cortador de cana, em 1984.

Conforme o diretor da usina Santa Adelaide, José Eduardo Camargo, há possibilidade de mecanizar até 60% do seu canavial, mas a empresa optou por uma colheita mecânica reduzida para evitar os efeitos sociais que o desemprego dos rurícolas pode trazer à região.

Ele tenta trabalhar com um número fixo de empregados durante todo o ano para evitar a mão-de-obra temporária. E está utilizando a mecanização para alcançar essa meta. Camargo alerta que "a mecanização exagerada trará problemas graves", porque criará uma redução drástica na oferta de empregos no campo.

O gerente de Recursos Humanos da Santa Adelaide, Antonio Carlos Batocchio, cuida atualmente do programa de treinamento dos cortadores de cana introduzido em 1984. Ele registrou em vídeo o resultado maior do trabalho: dois trabalhadores cortaram juntos, em um dia, 30 toneladas, de cana cada. Outros 40 empregados mantiveram no ano passado uma média de 16 a 18 toneladas por dia.

CORTADOR MODELO

Batocchio diz que o aumento de produtividade representa um salário maior para o empregado e economia de custos para a empresa. Além disso, reduz o problema de falta de mão-de-obra cada vez mais grave.

O treinamento seguiu uma metodologia original. Os cortadores com melhores resultados individuais foram separados do grupo para preparar um manual sobre o corte de cana. Cada um mostrava aos técnicos de RH a forma de trabalho, o método para segurar as canas, a empunhadura do facão, e os técnicos de RH sistematizaram o conhecimento para ser transmitido aos demais cortadores.

Depois, os próprios cortadores "modelo" foram nomeados monitores de turma e orientaram os trabalhadores durante o corte. Ao mesmo tempo que eram treinados, os cortadores passaram a receber prêmios por produtividade.

E o resultado compensou. Em 1984 a Santa Adelaide colheu 5,2 toneladas de cana por homem/dia. Em 1985, a média saltou para 6,8 toneladas. Em 1986, 8,2; em 1987, 8,5. E 1991 foi o pico de produtividade: 8,9 toneladas.

MELHOR QUALIDADE

O departamento de Relações Humanas da Santa Adelaide vai desenvolver este ano um projeto ambicioso. Dois cortadores trabalhando em dupla, responsáveis pelo corte de 62 toneladas de cana num dia, servirão de modelo para treinamento dos outros empregados. Se o uso do corte em dupla der certo, a produtividade dos trabalhadores poderá dobrar.

A qualidade do material colhido também melhorou. Conforme o diretor de produção, Antonio Gilberto Marchezoni, os trabalhadores receberam orientação sobre a importância da limpeza

das canas, e sobre a forma correta de empilhá-las para evitar que o caminhão transporte muita terra misturada à matéria-prima.

A unidade ganhou melhor produtividade, por causa da boa qualidade da cana recebida. E a necessidade de manutenção diminuiu.

Outra política adotada pela Santa Adelaide foi maior rigor na seleção do pessoal. Os cortadores de baixa produtividade foram substituídos.

(Página 8, 9 e 10 — Suplemento Agrícola)